

LER MONBEIG, RESGATAR NOSSA HISTÓRIA

Aldo Aloísio Dantas da SILVA¹

RESUMO

Este artigo discute a necessidade de se retomar os chamados clássicos da geografia brasileira e ao mesmo tempo retomar a história da própria geografia no Brasil. Tomando como base um texto de Pierre Monbeig escrito na década de 50, mostra como já àquela época os problemas enfrentados hoje pela geografia estavam postos.

Palavras-chave: geografia brasileira, Pierre Monbeig, *themata*

ABSTRACT

This article analyses the Brazilian geography from its classical authors and also to discuss the history of the geography in Brazil. From the text by Pierre Monbeig, written during 50's, we intend to discuss how the actual problems of the geography have been already discussed since that epoch.

Key-words: Brazilian geography, Pierre Monbeig, *themata*

Edgar Morin em seu livro *Ciência com consciência* nos diz que aquele que se propõe cientista deve ter os seus *themata*. "*Themata*, o que é? Um *thema* (*thema*, singular/ *themata* plural) é uma preconcepção fundamental, estável, largamente difundida e que não se pode reduzir diretamente à observação ou ao cálculo analítico do qual não deriva. Isso significa que os *themata* têm uma característica obsessiva, pulsional, que estimula a curiosidade e a investigação do pesquisador" (MORIN, 1998, p. 44). Essa relação obsessiva do pesquisador com aquilo que estuda é também, como diria o próprio Morin, um dos seus demônios. Ao nos depararmos com grandes pensadores encontramos essa obsessão. Em Marx encontramos a obsessão de elaboração de uma teoria social da burguesia. Em Florestan Fernandes encontramos a necessidade de entendimento da sociedade brasileira que o leva ao seu "modelo autocrático burguês".

¹Professor do Departamento de Geologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestre e doutorando em Geografia Humana - USP.

É, também, Morin, em livro de extrema beleza, acuidade teórica e muitas vezes poética, que nos chama a atenção para a necessidade de entrelaçamento entre o pesquisador, sua obra e sua vida. "Nietzsche dizia: 'Pus sempre nos meus escritos toda a minha vida e toda a minha pessoa [...] Ignoro o que possam ser problemas puramente intelectuais.' Não sou daqueles que têm uma carreira, mas dos que têm uma vida" (MORIN, 1995, p. 10).

Quando lemos Pierre Monbeig parece claro um dos seus *themat*: fazer da geografia algo além de uma "irmã intelectual do turismo". Um outro podemos detectar facilmente: estudos sobre o Brasil.

Parece não haver dúvidas que, no Brasil, o estudo sistematizado da geografia enquanto disciplina científica está ligado à fundação da Universidade de São Paulo e à sua Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; segundo PRADO Jr. (1957, p. 3) "Pierre Monbeig é certamente a figura de maior relevo e que maior contribuição trouxe não somente para o estudo da geografia brasileira, mas para a formação da admirável equipe de geógrafos de que hoje dispõe o nosso país".

Monbeig nasceu no norte da França em 1908 e passou sua infância e juventude em Paris, convivendo com o *glamour* da Belle Époque parisiense e também com os dissabores da Primeira Guerra Mundial. Aos 19 anos forma-se em Geografia e História pela Universidade de Paris, "Como discípulo de Vidal de La Blache e antigo aluno de De Martone e de Albert Demangeon, tinha Monbeig um pensamento muito integrado à escola geográfica francesa, fazendo com que ela se projetasse entre os novos geógrafos que formava no Brasil" (ANDRADE, 1994, p. 74).

Monbeig chegou ao Brasil em 1935. Veio para a Universidade de São Paulo para substituir Pierre Deffontaines. Fica no Brasil por 12 anos, preside a AGB (Associação dos Geógrafos Brasileiros) por mais de 10 e a projeta nacionalmente.

Segundo ANDRADE (1994, p. 78) Monbeig "...chega ao Brasil como um autêntico representante da Escola Francesa de Geografia, influenciada fortemente pelas idéias de Vidal de La Blache". Lembra-nos ainda que uma escola de cunho científico expressa e reflete o desenvolvimento econômico e social dominantes de um determinado período, reflete também as influências de correntes filosóficas predominantes e, no caso da escola francesa, está ligada ao pensamento político vinculado à formação do Império Colonial Francês e à filosofia positivista.

Neste mesmo trabalho, ANDRADE (1994, p. 79) nos chama a atenção para dois aspectos do pensamento geográfico: no primeiro

dirige-se aos críticos de La Blache mostrando o erro em que estes incorreram ao afirmarem que Vidal despolitizou a geografia, lembra que a Escola de Geografia Francesa influenciada por Vidal é uma escola comprometida com o pensamento político da época e com as aspirações do Estado; no segundo destaca o papel de Monbeig no tocante à transgressão que o mesmo faz com relação às amarras epistemológicas colocadas pela geografia clássica: "... ele (Monbeig) chama a atenção para a importância da forma de pensar, de agir e de participar da construção dos vários espaços, por motivações de ordem psicológica, mental; ao estudar o nosso país abandona praticamente a utilização de categorias muito caras a Vidal de La Blache, como 'gênero de vida' e utiliza a expressão classes sociais, pois os grupos humanos, em uma sociedade como a paulista da primeira metade do século XX, que ele estudou, estavam organizadas em classes sociais e não gêneros de vida".

Distinguindo a geografia em física e humana, e mesmo fazendo uma opção pela geografia humana, Monbeig, em seus trabalhos sempre compôs belíssimos capítulos enfocando aspectos da geografia física, escreve sobre diversos assuntos, mas dedica-se principalmente à geografia agrária e urbana.

Neste trabalho analisaremos apenas um texto de Pierre Monbeig que foi publicado em 1957 numa coletânea intitulada *Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira*. O texto chamado *Papel e valor do ensino da geografia e de sua pesquisa* foi extraído do Boletim Carioca de Geografia, ano VII, n. 1 e 2; na coletânea, p. 5-25.

O nosso intento é mostrar a preocupação de Monbeig com o estatuto científico da geografia, mostrar como ele ultrapassou ou apontou com veemência caminhos e conceitos que fossem além de uma geografia puramente descritiva, da qual é muitas vezes mencionado como praticante.

Acusações do tipo: "Por outro lado, o discurso positivista funcionalista de Monbeig, ao reduzir a geografia em ciência técnica, pragmática e neutra – realizando ciência pela ciência – alienou o geógrafo nacional de seu referencial maior: a sociedade brasileira" (BRAY, 1983, p. 89), não nos parecem serem justas.

Como pretendemos mostrar, Monbeig já nos chamava a atenção para a necessidade de irmos além da paisagem, além da descrição. Não nos deteremos em aspectos do tipo se Monbeig é ou não positivista, mesmo porque positivismo, para nós, não é uma heresia. É possível fazermos hoje uma análise do mundo contemporâneo sem recorreremos a Durkheim, que é, inegavelmente, um dos pais do

positivismo francês?

Monbeig não tem uma obra vasta nem pode ser comparado, em se tratando de análise da realidade brasileira a Antonil, Capistrano de Abreu, Florestan Fernandes, Gilberto Freyre, Caio Prado Jr. ou mesmo a Léo Waibel; no entanto é um autor de extrema importância para a geografia brasileira e o seu resgate, pensamos, é importante para construirmos uma geografia que possa hoje nos ajudar a entender o Brasil. Como mostraremos, Monbeig já despertava para elementos que uma certa geografia "crítica" tentou mostrar como a última descoberta em termos de análise: ir além da descrição.

O que nos guiará será a intenção de mostrar como Monbeig, em poucos textos que nos deixou, e nós nos ocuparemos apenas de um, teve o que denominamos, acima, de *thematata*, ou seja, teve sempre uma obsessão científica que se materializa principalmente nos estudos que fez sobre o Brasil: *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo* nos parece um bom exemplo disto.

No texto *Papel e valor do ensino da geografia e de sua pesquisa*, do qual nos ocuparemos no momento, Monbeig ao referir-se à idéia que o público culto tem da geografia, diz: "para uns a geografia é confundida com narrativas de viajantes; um geógrafo é um explorador, a rigor um cartógrafo; traz de suas viagens narrativas agradáveis de ouvir-se, sobretudo se tem a habilidade de ilustrá-las com belas imagens" (p. 5). Está claro, para nós, que o geógrafo francês está preocupado com o papel da geografia enquanto ciência e o peso que a descrição joga nessa disciplina; fica claro também o tom de crítica à redução da geografia a um compêndio de relatos e imagens. Monbeig continua sua crítica se reportando à fatigante tarefa de decorar nomes e números; tarefa esta que esteve e está associada ao que, comumente, entende-se por geografia. Vejamos: "Para outros, talvez mais numerosos, a geografia é uma lembrança extremamente penosa de sua infância. Seu nome evoca listas indigestas de nomes de lugares ou de dados numéricos, lições atrozadas que somente os menos inteligentes e os mais obstinados de nossos condiscípulos chegavam a recitar razoavelmente" (p. 6).

A intenção de Monbeig é, sem dúvida nenhuma, criticar o caráter descritivo e enumerativo que permeou e que ainda permeia uma parte considerável dos estudos de geografia.

O que nos deixa surpresos é constatar que esta é exatamente uma das críticas que vemos expressa, numa quantidade razoável de páginas, da chamada geografia crítica que, no Brasil, começa a ter expressão a partir do final da década de 70, notadamente a partir do

Congresso de 78 realizado em Fortaleza. Criticava-se toda e qualquer forma de descrição e enumeração e dizia-se que este era um procedimento acientífico e que estava relacionado à chamada geografia tradicional; entendia-se tradicional tudo o que não era crítica, salvo raras exceções.

Acreditamos que devemos nos perguntar o que nos levou a esse tipo de negação: preconceito ideológico, má fé, desconhecimento puro e simples de nossa história ou esse conjunto? Não estamos à procura de culpados, mas à procura de causas que expliquem o que leva um conjunto de estudiosos a fazerem tábula rasa da história do seu próprio campo de conhecimento.

No momento estamos muito mais preocupados em mostrarmos como muitas das críticas que fazemos hoje já estavam postas desde há muito por autores que desprezamos. Quantos são os cursos de geografia, no Brasil, que têm em seu currículo uma disciplina destinada à história da geografia brasileira?

É bom lembrarmos que não desprezamos apenas a nossa história e a história de geógrafos "brasileiros", desprezamos também nossos clássicos como é o caso de Vidal de La Blache, Max Sorre, Albert Demangeon e tantos outros, para não falarmos do desprezo que damos à obra de Friederich Ratzel.

Monbeig, ainda nesse texto, chama a atenção para o fato de que "na melhor das hipóteses, a geografia é tida como a irmã intelectual do turismo. Na pior das hipóteses, a geografia é uma tortura gratuita imposta às crianças e pergunta-se como seres sensatos puderam tornar-se geógrafos!"

Antes, como agora, existia uma preocupação de mostrar como a geografia pode contribuir "para o enriquecimento das mentes jovens e a sua formação".

Monbeig é taxativo ao evidenciar o papel nefasto que exerce o ensino baseado na memorização pura e simples. "Também não se trata de oposição sistemática a qualquer ensino de memória, mas de oposição radical ao ensino exclusivamente baseado na memória e que a atravança como um trambolho inútil" (p. 6).

Deixemos claro que Monbeig não despreza a memorização nem mesmo a descrição e a enumeração; a crítica que ele faz é redução do ensino à descrição e ao que chamamos hoje de "decoreba". Nada se pode aprender sem esforço de memória e sem aquisição de uma nomenclatura, por mínima que seja. [...] não se poderia ter bom conhecimento geográfico sem uma base de nomenclatura. É apenas

um ponto de partida, mas indispensável" (p. 6-7).

A preocupação nos parece justa, uma vez que não é incomum encontrarmos, hoje, geógrafos que "recitam" autores os mais diversos e não sabem a quantas andam os dados, por exemplo, sobre a população brasileira.

No terceiro momento desse texto, Monbeig reporta-se à noção de "fatos geográficos" e à visão errônea que se tem dos mesmos. Assim como se tem erroneamente a noção de que um fato histórico restringe-se a uma data, também na geografia o "fato geográfico" é considerado apenas como um dado a partir do qual se elabora a ciência geográfica. Para o autor, este é um procedimento equivocado pois "a geografia não é uma ciência de fatos isolados simples, passíveis de serem conhecidos por si e em si" (p. 7). Um pouco mais adiante diz: "É erro comum e persistente pretender tomar e ensinar fatos geográficos isoladamente e atomizados" (p. 8).

Tomando como referência a estação D. Pedro II da Central do Brasil para exemplificar o que entende por fato geográfico, Monbeig nos esclarece: "A estação, em si, não é um fato geográfico; o fato geográfico é o movimento dos trens, dos viajantes, das mercadorias, sua proveniência, seu destino; o fato geográfico serão também as conseqüências da presença desta estação na paisagem do bairro da capital onde se encontra, a circulação urbana e seu ritmo cotidiano e estacional, uma determinada localização dos ramos de comércio ligados à estação da estrada de ferro, etc" (p. 9).

Às vezes temos a impressão que na geografia o aprendizado não é algo cumulativo. Na década de 50, Monbeig, com base em La Blache, já nos chama a atenção para a necessidade de abandonarmos as enumerações simples e o perigo decorrente desse tipo de atitude. "Dizer-se que as Agulhas Negras têm x metros de altitude ou que a estação D. Pedro II está situada em tal rua do Rio de Janeiro, não satisfará o geógrafo, embora sejam duas afirmativas indispensáveis, mas que são apenas a sombra enganadora do fato geográfico" (p. 9) (grifos nossos).

Hoje pululam um cem número de páginas escritas sobre redes, gastam-se litros de tinta para se falar de circuitos visíveis, invisíveis, virtuais etc., tudo como se estivessem redescobrimdo a pólvora. Fala-se do caráter enganador da paisagem – se é que a paisagem engana – e tudo como se fosse algo novo, recente, inovador, original. Sem dúvida, não conhecemos a nossa história.

Como veremos em seguida, da noção de fato geográfico deriva a noção de complexo geográfico. Entendemos que estas noções são

constitutivas do pensamento geográfico e que delas podemos evoluir para noções mais complexas, uma vez que, hoje, a sociedade também o é.

Monbeig é considerado, por um conjunto de geógrafos, notadamente aqueles que se intitulam geógrafos críticos, um autor da chamada geografia tradicional e como tal seu pensamento está ligado a fatos estanques, a dados tomados isoladamente, à falta de movimento e de processualidade; é como se fosse um pensamento fixo, rígido, sem abertura. Mas uma leitura responsável e sem as amarras das paixões ideológicas desautoriza este tipo de afirmação. Vejamos, por exemplo, o que nos diz o próprio Monbeig: "Se se ligasse à noção de fato a idéia de irreducibilidade, de precisão rigorosa e de valor intrínseco, poder-se-ia quase dizer que não existe fato geográfico e que o geógrafo não se preocupa em estudar 'fato' desta ordem" (p. 9).

Para Monbeig a pesquisa geográfica tem como objetivo tratar dos complexos de fatos "e são esses complexos, por sua localização no globo, que são verdadeiros 'fatos' geográficos." Caberia ao geógrafo a explicação desta localização buscando suas conseqüências "examinando as relações, ações e interações que unem uns aos outros os elementos constitutivos do complexo geográfico."

No seu mais recente livro *A natureza do espaço*, Milton Santos refere-se à geografia da seguinte forma: "Nossa proposta de definição da geografia considera que a essa disciplina cabe estudar o conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações que formam o espaço. Não se trata de sistema de objetos, nem de sistemas de ações tomados separadamente" (p. 51). Guardando as devidas proporções, principalmente históricas, podemos dizer que Monbeig fez considerações semelhantes ao definir sua noção de complexo geográfico, exposta um pouco acima e completada da seguinte maneira: "Complexo geográfico, sim, porque se localiza e porque implica em ações recíprocas mutáveis do meio natural e do meio humano. A variedade dos componentes do complexo geográfico é tanto maior quanto mais elevado é o grau de civilização técnica atingido pelo grupo humano..." (p. 9). Este trecho nos mostra claramente a preocupação desse geógrafo com a relação dos grupamentos humanos e o desenvolvimento técnico, assim como com a forma diferenciada com que este atinge os grupamentos humanos. Em boa medida, as formulações de Milton Santos já estão contidas nas preocupações de Pierre Monbeig. Infelizmente esta historicidade do pensamento geográfico não está explícita no tocante à sua matriz: a ciência regional.

Monbeig, ao se referir a um complexo geográfico industrial,

destaca a importância da crescente utilização da técnica e como esta utilização influencia e reordena as relações que se estabelecem e que constituem o tecido socioespacial. "Há quatro ou cinco anos atrás, os técnicos franceses conseguiram novos moinhos de coque, utilizável in loco. Trata-se de uma inovação técnica cujos pormenores não interessam à geografia, mas que começa a ter conseqüências de ordem geográfica pois, a partir desses processos novos, desenvolvem-se e complicam-se o antigo complexo geográfico lorenó." (p. 10)

É, ainda, Milton SANTOS (1997, p. 27) que nos dá algumas pistas da nossa historicidade com relação ao trato da técnica: "As técnicas têm sido, com freqüência, consideradas em artigos e livros de geógrafos, sobretudo em estudos empíricos de casos. Mas é raro que um esforço de generalização participe do processo de produção de uma teoria e de um método geográficos. As estradas de ferro, e depois as rodovias, chamaram a atenção de historiadores e de geógrafos. Tanto Vidal de La Blache, como Lucien Febvre, tiraram partido da noção de progresso técnico na elaboração de suas sínteses. Daí porque, eles podem ser considerados entre os pioneiros da produção de uma geografia vinculada às técnicas. Esse também é o caso de Albert Demangeon, quando se interessa pelo comércio internacional."

Monbeig expressa sua preocupação com as mudanças e as transformações decorrentes da utilização de técnicas, da concentração industrial e a influência da produção desta sobre o conjunto da sociedade. "Ao mesmo tempo, as indústrias novas fornecem adubos químicos que, mais numerosos, mais variados, menos custosos determinarão uma evolução das culturas, dos sistemas agrários, dos rendimentos e, portanto, dos níveis de vida dos agricultores. Encontramo-nos em presença de um conjunto de fenômenos estritamente ligados entre si e reagindo uns sobre os outros." (p. 10)

Monbeig, ao estudar espaços industriais, ressalta também a importância de se dar atenção à estrutura do solo, à hidrografia de superfície e subterrânea, à circulação, às vias de comunicação etc. Estes são, para ele, elementos que não podem ser tomados isoladamente e que são partes constitutivas da análise geográfica.

Mas Monbeig está preocupado, também, com a concentração de capital que, para ele, tem sua origem no aperfeiçoamento de novas técnicas e daí decorrerá uma concentração financeira e espacial. "Por fim o aperfeiçoamento de novos processos técnicos é oneroso [...]; não pode ser realizado por empresas medianas, mas por associações novas, financiadas por grandes empreendimentos metalúrgicos. Isto significa

que a estrutura econômica das empresas lorenas evolui para uma concentração cada vez mais acentuada. Por sua vez, a estrutura financeira, fortemente concentrada, vai agir como fator geográfico, pois acarreta a concentração espacial." (p. 11)

Parece-nos equivocado dizer que a chamada geografia tradicional não estava atenta ao seu tempo e aos acontecimentos que marcaram o mesmo. Monbeig demonstra ser um estudioso preocupado com os acontecimentos de seu tempo e com as transformações espaciais decorrentes desses acontecimentos. É ilustrativo desta afirmação o texto *Evolução de gêneros de vida rural tradicionais no sudoeste do Brasil*, publicado nos *Annales de Géographie*, 1949. Nesse texto, mostra o conflito entre a introdução de novas técnicas e a resistência materializada nos costumes e hábitos da população de Cunha, município paulista, localizado na Serra do Mar já próximo ao estado do Rio. É mostrado como, em decorrência do desenvolvimento tecnológico, ocorrerá uma maior concentração de terras, uma diminuição da produção destinada ao abastecimento local, o desaparecimento das terras comunais e o esfacelamento das pequenas e médias propriedades etc.

Manuel Correia de Andrade, em trecho que citamos logo no início deste artigo, diz que Monbeig abandona a categoria de "gênero de vida", que lhe é muito cara, e a substitui por "classe social". Não comungamos com essa afirmativa: em nosso entendimento Monbeig enriquece a categoria "Gênero de vida", trazendo para a sua análise a categoria "classe social", mesmo porque essas duas categorias não são excludentes. A classe social não é algo homogêneo e monólitico e a noção de "gênero de vida" é uma noção genuinamente geográfica e com a qual podemos trabalhar hoje, sem medo de sermos taxados de conservadores e/ou tradicionais; a realidade tem várias determinações, apenas uma categoria não dará conta de apreendê-la. Consideramos que a noção de "gênero de vida" deva ser resgatada e utilizada, principalmente por aqueles que se ocupam, na geografia, do cotidiano e do território. Não podemos mais desprezar a nossa história e os nossos conceitos.

No trecho que citaremos logo abaixo percebe-se como Monbeig enriquece os conceitos e as categorias sem abandoná-las, como o geógrafo francês está preocupado com o estatuto de geografia enquanto ciência e como muitas das coisas das quais falamos hoje, como se fossem grandes novidades, já faziam parte do repertório de preocupações de Monbeig. Este trecho, em nosso entendimento, é uma

expressão de lucidez e, de certa forma, de antecipação científica. Pensamos mesmo que reflexões deste calado serviram de alavanca para o movimento de renovação. Não nos recordamos de ter ouvido, ou lido em algum lugar, nenhuma alusão a Pierre Monbeig como referência para uma possível crítica.

Vejam os trechos:

Este é o complexo geográfico, em vias de organização, a partir de aperfeiçoamentos técnicos. Fomos forçados a simplificar e resumir a exposição dum processo infinitamente mais complicado do que aparece aqui. Mais uma prova da delicadeza do complexo geográfico. Este se exprime antes de tudo na paisagem, a qual, formada unit e indissoluvelmente pelos elementos naturais e pelos trabalhos dos homens, é a representação concreta do complexo geográfico. Por esta razão, o estudo da paisagem constitui a essência da pesquisa geográfica. Mas é absolutamente indispensável que o geógrafo não se limite à análise do cenário, à apreensão do concreto. A paisagem não exterioriza todos os elementos constituintes do complexo. Nem sempre nela se encontrarão expressos com clareza os modos de pensar, as estruturas financeiras que são, entretanto, parcelas apreciáveis do complexo geográfico. Outro perigo – a limitação do campo de estudo geográfico à paisagem ameaça levar o pesquisador ao recurso exclusivo da descrição. [...] A paisagem é um ponto de partida, mas não um fim. Resulta do complexo geográfico, sem confundir-se com ele (p. 11).

Não temos dúvidas de que é necessário estudarmos a nossa história e os nossos autores. Não podemos ficar num eterno presente, como muito bem nos alerta Eric Hobsbawm em sua *Era dos extremos*. Temos feito coisas novas e interessantes, mas como nos chamou a atenção Orlando Valverde, as novas não têm sido interessantes e as interessantes não têm sido novas.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. C. O pensamento geográfico e a realidade brasileira. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 54, AGB / São Paulo, 1977.
- _____. Pierre Monbeig e o pensamento geográfico no Brasil. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 72, AGB / São Paulo, 1994.
- BRAY, S. C. O pensamento e o método nas obras de Pierre Monbeig - análise dos trabalhos produzidos no Brasil nas décadas de 30 e 40. *Revista de Geografia*, Rio Claro, 1983.
- HOBSBAWM, E. *Era dos extremos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

MONBEIG, P. *Novos estudos de geografia humana brasileira*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1957.

_____. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Hucitec-Polis, 1998.

MORIN, E. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. *Os meus demônios*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1995.

PRADO Jr., C. *Novos estudos de geografia humana brasileira*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1957. (Apresentação do livro)

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997.